

**UMA ANÁLISE CRÍTICO-DISCURSIVA DAS POSTAGENS NO FACEBOOK DE
USUÁRI@S SURD@S E A CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE:
EMPODERAMENTO OU VITIMIZAÇÃO?**

Juliana Barbosa ALVES (Graduanda/UFS)
Iris Santos de SOUZA (Mestranda/UFS)

Resumo: Levando-se em consideração que a Linguística Aplicada e seu foco sobre a linguagem como fenômeno social (MENEZES; GOMES, 2009) dialoga com outras áreas do saber, por ser Indisciplinar (MOITA LOPES, 2009), como a Análise Crítica do Discurso, a qual investiga e expõe a visão que se tem da aprendizagem cidadã desse grupo vulnerável (PEDROSA, 2018), devido ao seu engajamento político, visando a igualdade social (MELO, 2018). Iremos dialogar com os Estudos Surdos (QUADROS, 1997), no que tange à construção de sua identidade enquanto sujeito (PERLIN, 1998), em meio às mudanças socioculturais. Isto posto, nosso objetivo é analisar os discursos da comunidade surda contidos nos comentários do Facebook sobre o tema da redação do ENEM 2017, verificando como estes discursos constituem suas identidades. Os resultados das análises desses textos/discursos, trouxe a luz reflexões discursivas e sociais sobre as identidades cidadãs, resultantes da aprendizagem cidadã dos atores sociais da comunidade surda.

Palavras-chave: Linguística Aplicada, Análise Crítica do Discurso, Comunidade Surda, Enem 2017

A linguagem em uma perspectiva crítica e aplicada

Ser humano é ser linguagem em suas mais diversas manifestações quais sejam a visual, falada, escrita, porque, à medida que percebemos o mundo a nossa volta, sentimos a necessidade de interagir de alguma forma, visto que é por meio das situações sociais mais triviais, como ir ao supermercado, até as mais complexas, trabalhar no meio jurídico, que conhecemos pessoas, lugares, envolvemo-nos em contextos que nos permitem atuar no meio que nos cerca. Assim sendo, “a linguagem é uma forma de agir no mundo, porque há ações que se realizam ao dizer e ações que ocorrem em consequência do que se diz” (FIORIN, 2015, p. 30). Essa ação social pode, e diríamos, deve, dar-se de maneira crítica, aplicada no contexto em que cada pessoa se encontra, porque a linguagem é entendida “como prática social” (MENEZES; GOMES; SILVA, 2009, p. 1).

Neste artigo, propomos uma reflexão acerca do uso da linguagem pelo viés crítico

da Linguística Aplicada e da Análise Crítica do Discurso – doravante, LA e ACD, respectivamente. A primeira é “uma área mestiça e nômade”, “Indisciplinar” (MOITA LOPES, 2009, p. 19), pelo diálogo que estabelece com outras áreas do saber, questionadora, subversiva, no sentido de colocar em xeque ideias vigentes que favoreçam um determinado grupo de pessoas, em geral, pessoas no poder, com poder, que agem pelo poder. A segunda constitui uma perspectiva crítica sobre a língua, em seus diversos contextos sociais, que “dá margem a análises linguísticas ou semióticas inseridas em reflexões mais amplas sobre o processo social” (FAIRCLOUGH, 2012, p. 307-308), e, assim alia-se a outras teorias e métodos sociais, a fim de desenvolver análises de cunho crítico e textualmente orientadas, a um só tempo.

Em outras palavras, tanto a LA como a ACD são campos do saber transdisciplinares, indisciplinares, que abarcam o social, a crítica nos estudos da linguagem, aporte teórico no qual este trabalho se apoia, com fins de revelar as hegemonias nos discursos midiáticos, políticos, jurídicos, acadêmicos, nos inúmeros textos que circulam em nossa sociedade (FAIRCLOUGH, 2012). Neste caso, focalizamos comentários do Facebook de usuáři@s surd@s sobre o tema da redação do Exame Nacional do Ensino Médio [ENEM] 2017.

O ciberespaço, análise crítica do discurso e o gênero textual Facebook

O termo ciberespaço foi concebido por William Gibson em seu romance de iniciação científica *Neuromante* em 1984, termo que passou a ser utilizado pelos usuários e criadores de redes digitais. Lévy (1999, p. 92, grifo do autor) conceitua o ciberespaço como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”, em que a digitalização das informações constituiria o principal meio de interação entre as pessoas assim como um significativo suporte da memória da humanidade.

Assim, os novos gêneros que emergiram e circulam nessa “cultura eletrônica”, qual o Facebook, têm suma importância na reelaboração de conceitos, na reestruturação de

identidades em nossa sociedade, visto que as comunidades virtuais são construídas por pessoas que tenham afinidades de interesses, conhecimentos, identidades, independentemente de localidade geográfica, visto que “os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social” (MARCUSCHI, 2007, p. 19).

“A multiplicidade e o entrelaçamento radical das épocas, dos pontos de vista e das legitimidade, traço distintivo do pós-moderno, encontram-se nitidamente acentuados e encorajados na cibercultura” (LÉVY, 1999, p. 121), assim sendo, o aporte teórico da análise crítica do discurso possibilita a descrição bem como a interpretação dos mais variados discursos que se encontram nos gêneros textuais, enquanto teoria e método. Fairclough (2001, p. 161) designa o termo gênero como “um conjunto de convenções relativamente estável que é associado com, e parcialmente representa, um tipo de atividade socialmente aprovado” desde um *chat* até um artigo científico, por exemplo.

Por esse motivo, analisamos os comentários de usuári@s surd@s do Facebook sobre o tema surdez, por considerarmos esse tipo de manifestação uma atitude socialmente engajada e emancipatória, ao exporem suas opiniões, sentimentos acerca da surdez, em uma sociedade composta de maioria ouvinte, além de refletirem sobre si mesm@s enquanto surdos, grupo minoritário que “ganha voz” tanto na sociedade civil quanto na perspectiva jurídica. Nas palavras de Perlin (1998, p. 3), “por ser surda, sinto que geralmente necessito de uma reflexão cultural que considere implicações que a perspectiva crítica tem a oferecer para repensar as identidades culturais, entre elas incluo as identidades surdas em transformação”.

Um breve histórico dos Estudos Surdos

A busca por uma sociedade justa, em que haja a igualdade não apenas no aspecto formal da Lei, mas material, incluindo o reconhecimento das diferenças, especificidades de cada ser humano, representa um ideal inevitável para a ciência crítica. Porém, para que essa igualdade seja efetivada, é necessário refletir de quais contextos sócio-históricos as

desigualdades surgem, bem como quais as articulações que as permeiam e de que maneira elas se sustentam ou se modificam. O discurso encontra-se sempre inserido em uma prática social, que, de maior ou menor intensidade, articula a nossa narrativa e as nossas ações, até mesmo, a de analisar estes discursos criticamente (GONÇALVES-SEGUNDO, 2018).

O discurso da comunidade surda por direitos e reconhecimento advém de um passado histórico de muita exclusão, segregação e opressão, sofridas ao longo do tempo. Nas sociedades antigas da Grécia e Roma, por exemplo, os surdos eram considerados castigados pelos Deuses, incapazes de viver em sociedade, por isso não eram educados. Somente na Idade Moderna, quando se distinguiu surdez de mudez, é que se pensou na educação dos surdos (CARVALHO, 2007).

Ao se pensar na educação dos surdos, surgiram, inicialmente, três abordagens filosóficas, o gestualismo, que é o uso dos sinais; o oralismo, que enfatiza o uso da língua oral e “simplesmente desconsidera questões relacionadas à cultura e a sociedade surda” (QUADROS, 1997, p. 23); e o método combinado, que faz uso de sinais, fala oral e leitura labial.

Em 1880, um marco trágico na história da comunidade surda, o Congresso de Milão, conferiu um retrocesso abissal na educação dos surdos. Nele ficou instituído a proibição do uso de sinais, sendo o oralismo a filosofia oficial na educação dos surdos. Tal filosofia perdurou até grande parte do século XX (SÁ, 2002; SOUZA, 2014).

Os estudos realizados em 1960, pelo linguista Willian Stokoe, são considerados os primeiros estudos científicos das Línguas de Sinais. Ao estudar a Língua Americana de Sinais (ASL), o linguista provou a importância linguística das Línguas de Sinais. É através de seus estudos que presenciamos, hodierno, os avanços nos estudos das línguas de sinais e na educação de surdos (SKLIAR, 2016; SOUZA, 2014).

No Brasil, com a chegada do professor surdo, Hernest Huet, tem início a história da educação dos surdos. A convite de Dom Pedro II, o professor veio para o Brasil fundar o Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. Inicialmente, a filosofia utilizada, trazida por Hernest Huet, era o método combinado. Esta proposta educacional foi

empregada até 1868, quando o médico sergipano, Tobias Leite, assume a direção do instituto, adotando o método sinalizado (SOUZA, 2014).

Leis e decretos têm estreitado o caminho da comunidade surda pelo reconhecimento dos seus direitos. Citamos aqui alguns instrumentos legais: a Lei 10.436/2002, que reconhece a Libras como meio de comunicação da comunidade surda; o Decreto 5.626/2005, que torna obrigatória a disciplina Libras nos cursos de licenciatura; e o Decreto 9.465/2019, que criou a Diretoria de Educação Especial de Políticas de Educação Bilíngue de Surdo.

A Comunidade Surda e sua luta por reconhecimento sob uma ótica crítica

A ACD mantém uma relação de diálogo com outras teorias e métodos sociais. Entretanto, dialoga com eles não somente de forma *interdisciplinar*, integrando as disciplinas, mas *transdisciplinar*, onde ocorre a abertura das disciplinas, ultrapassando os conteúdos (MELO, 2018; PEDROSA, 2018, grifo nosso). Desta forma, dialogamos com a teoria da *Luta por reconhecimento* de Honneth (2009), que aborda como os indivíduos e grupos sociais se inserem na sociedade. Em sua teoria, Honneth aponta que os sujeitos ao serem desrespeitados no amor, na solidariedade ou no direito, travam uma luta por reconhecimento. Os sujeitos vão formar sua identidade quando forem reconhecidos nas suas relações intersubjetivas (HONNETH, 2009).

De acordo com Souza (2016),

o Facebook, como rede de comunicação pessoal, pode ser uma fonte decisiva para a construção identitária e alertamos que os atores não estão em posição ideal de fala, pois existem fatores que contribuem para a restrição da autonomia do usuário na luta por reconhecimento no Facebook. Afirmamos que a comunicação social, através dessa mídia social, alterou a produção de sentido do sujeito. (SOUZA, 2016, p. 114)

Desta forma, assinalamos que, nesta mídia social, o sujeito pode afirmar e reafirmar sua identidade, pois, “a vida comunitária aparece como horizonte de possibilidades para os

indivíduos elaborarem suas identidades” (ARAÚJO, 2014, p. 141, apud SOUZA, 2016, p. 18). O Facebook “aumenta o campo de luta por reconhecimento tanto individual quanto coletivo, devido à grande facilidade que a mesma oferece para produzir e veicular conteúdos” (SOUZA, 2016, p. 114). Nesse sentido, Honneth (2009) nos ajudou a entender como se desenrola esta luta intersubjetiva neste ambiente virtual.

O tema das identidades surdas começou a ser debatido no início do advento dos estudos sobre a educação dos surdos. Diante da comunidade ouvinte, majoritária, e sua identidade, a identidade surda era vista como menor.

As identidades surdas são múltiplas, heterogêneas. Ela vai depender do meio em que o sujeito vive, bem como do seu contexto sócio-histórico. Um surdo, por exemplo, que convive com ouvintes, que os veem como deficientes, este surdo vai constituir sua identidade neste sentido, já um surdo que tem o convívio com a comunidade surda terá outra concepção de si mesmo (PERLIN, 1998; 2016). Nesta perspectiva, Perlin (1998), classificou as identidades surdas da seguinte forma: Identidades surdas: são os surdos que se comunicam através da experiência visual; Identidades surdas híbridas: estão neste grupo os surdos que nasceram ouvintes e se tornaram surdos depois; Identidades de transição: são os surdos que viveram na hegemonia da identidade ouvinte e fizeram a transição para a comunidade surda; Identidade surda incompleta: o surdo é socializado através da cultura dominante, ouvinte; Identidades surdas flutuantes: os surdos que se manifestam através da hegemonia dos ouvintes, não aceitam a cultura surda.

Reflexões acerca do processo de construção da identidade através da luta por reconhecimento: analisando os discursos

Utilizamos a metodologia qualitativa-interpretativista (MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017), tendo como base uma pesquisa de cunho social, para atender o nosso objetivo, que é a análise dos comentários, no *Facebook*, d@s sujeit@s surd@s, de como se posicionaram sobre o tema da redação do Enem 2017, e como estes discursos constituem suas identidades. Nosso *corpus* é constituído de oito comentários. Desta quantidade,

utilizamos neste artigo, quatro comentários, por entendermos ser mais relevantes para nosso objetivo.

Para atender ao caráter linguístico das análises, utilizamos a Gramática Sistêmico Funcional (GSF), que está centrada na linguagem em uso no contexto social. A GSF nos fará entender, através de suas categorias léxico-gramaticais, o funcionamento da linguagem, ou seja, “o texto na interface com o contexto social em que os usos linguísticos ocorrem” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 14). Usaremos, especificamente, o Sistema de Avaliatividade, que fará a categorização dos recursos léxicos-gramaticais utilizados nas avaliações (VIAN JR., 2010).

O Sistema de Avaliatividade é apresentado em três subsistemas, nos quais utilizamos diferentes recursos: (i) Atitude, para expressar emoções e fazer julgamentos; (ii) Gradação, usado para aumentar ou diminuir o grau da avaliação e (iii) Engajamento, o qual mostra a relação do produtor do texto com o seu interlocutor (VIAN JR., 2010). Consideremos a sequência discursiva (SD) abaixo:

(SD1) Obrigada, Enem. Quase 7 milhões de pessoas que nunca pensaram sobre os surdos estão escrevendo sobre eles. Agora vocês tem que refletir, por favor aprendam minha língua. Nós aprendemos Português por causa de vocês.

No trecho “Obrigada Enem!”, podemos observar uma apreciação positiva ao Enem, por trazer um tema sobre a comunidade surda. A apreciação é uma categoria dentro da gramática sistêmico-funcional, na qual “são construídas avaliações sobre coisas, objetos e fenômenos” (ALMEIDA, 2010, p. 108). É possível avaliar, através da apreciação, que o sujeito experienciou o *autorrespeito* ao ver o reconhecimento do seu direito, enquanto membro da comunidade surda, apto a partilhar os mesmos direitos dos outros (HONNETH, 2009, grifo nosso).

Observamos um julgamento por estima social, o qual, segundo Almeida (2010), envolve admiração ou crítica do comportamento das pessoas, nos segmentos “*nunca pensaram sobre os surdos*” e “*por causa de vocês*”, no qual o sujeito discursivo faz uma crítica ao comportamento das pessoas da sociedade no geral.

A sociedade não conhece nada sobre povo surdo e, na maioria das vezes, fica com receio e apreensiva, sem saber como se relacionar com os sujeitos surdos, ou tratam-nos de forma paternal, como “coitadinhos”, “que pena”, ou lida como se tivessem “uma doença contagiosa” ou de forma preconceituosa e outros estereótipos causados pela falta de conhecimento (STRÖBEL, 2007, p. 21, destaque da autora).

Em “*aprendam minha língua*”, percebemos que o sujeito discursivo se reconhece enquanto surda, assumindo sua identidade e reconhecendo sua língua, a língua de sinais, que é considerada “uma das principais marcas da identidade de um povo surdo por ser uma das peculiaridades da cultura surda” (PERLIN; STROBEL, 2014, p. 26).

O sujeito surdo que reconhece sua identidade como surdo vive suas experiências em um mundo visual. Segundo Perlin (1998, p. 13-14), esta identidade será formada “no encontro com o semelhante, onde novos ambientes discursivos estão organizados pela presença social dos surdos culturais”. A aproximação e o convívio com outros surdos são essenciais para a afirmação de suas identidades. Este encontro se dará no território surdo, espaço de lutas e conquistas dos surdos, lugar no qual a cultura e a identidade surda são valorizadas.

Entendemos que este sujeito discursivo compartilha uma vida dentro da comunidade surda e, com sua manifestação no Facebook, se firma enquanto sujeito de direito e se sente autoconfiante para expressar suas opiniões.

(SD2) *Boa noite povo, hoje muito bom ENEM o melhor do tema redação, estou muito feliz vontade fazer chora kkk, muito obrigado MEC.*

Observamos no início da sequência discursiva a utilização do recurso de apreciação, em que o sujeito discursivo faz um julgamento positivo ao Enem, no trecho “*hoje muito bom ENEM*”, ainda dentro do trecho, na palavra em destaque, percebemos uma escolha lexical de intensificação, utilizando-se do recurso de quantificação no mecanismo de gradação por força, que está relacionada a gradação de entidades (VIAN JR., 2010). No caso, o sujeito discursivo se viu representado pelo Enem ao ver sua comunidade ser reconhecida

(HONNETH, 2009). E, ao se sentir importante, o sujeito será capaz de dar um novo significado na construção de sua identidade, pois, como nos afirma Perlin (2016, p. 52) “a identidade é algo em questão, em construção, uma construção móvel que pode frequentemente ser transformada ou estar em movimento, e que empurra o sujeito em diferentes posições”.

A sequência apresenta também uma carga semântica de emoções, manifestada de forma explícita nos trechos “*estou muito feliz*” e “*vontade fazer chorar*”. Mais uma vez, o sujeito faz uma escolha lexical para intensificar seu discurso, no caso, seu estado emocional. Não é difícil de imaginar a sensação de respeito vivenciada, não só por este sujeito discursivo, mas por toda a comunidade surda, pois, ao longo da história,

os grupos dos surdos têm sido excluídos e estigmatizados: seu universo cultural, suas estratégias de sobrevivência, seus valores e as características de seu comportamento têm sido preteridos, desvalorizados. [...] Impôs-se a eles um modelo que jamais poderiam alcançar: *o padrão de ter que ser o que não são*. As expectativas absurdas, as escassas opções e os enormes limites impostos levaram a maioria deles a uma crise de identidade, a uma desvalorização pessoal e ao menosprezo pelo seu saber e pela sua cultura (SÁ, 2002, p. 355, destaque da autora).

Podemos afirmar que a carga de emoção e a apreciação positiva, avaliada pelo sujeito discursivo, são um ato de conquista e de reconhecimento, porque o sujeito surdo traz consigo uma carga histórica com um legado de opressão, discriminação e proibição, que viu, através deste fato, sua história mudar, e, assim, a possibilidade de ressignificar sua identidade.

(SD3) *Nós queremos contar vocês que estamos muito felizes, pois o tema da redação do Enem 2017 foi “Desafios para a formação educacional de surdos” (não fizemos prova, muitos amigos nossos foram fazer) o tema é muito importante, principalmente para a Comunidade Surda, pois ela conquistou a visibilidade da sociedade. Acreditamos que a comunidade surda vai valorizar e conquistar ainda mais por causa de tema da redação, falamos disso, porque nós somos surdos, muitas vezes sentimos que somos invisíveis da sociedade, pessoas nos veem como eles, não acreditam da nossa língua, nossos acessos, nossos direitos, entre outros. Sempre enfrentamos a sociedade! Então, agora a Fiorella é surda como nós, queremos que ela cresce e terá muitas oportunidades como outros e nós perdemos muitas oportunidades. Quando surgiu tema da*

redação, pulamos de felicidade e acreditamos que a comunidade surda vai receber mais visibilidade!!! Lemos muitos comentários negativos sobre tema da redação, não importamos, pois pelo menos que eles perceberam que nós existimos no mundo e mesmo mundo que eles estão! Pedimos desculpas pelas palavras, pois precisamos fazer desabafo de felicidade! Enfim, queremos parabenizar para a comunidade surda pela luta e também parabenizamos ao INEP pela tema da redação.

Na sequência discursiva deste casal surdo com uma filha surda, podemos observar o uso frequente do afeto, que é um recurso utilizado para expressar emoções no discurso (ALMEIDA, 2010). Logo no início, demonstram emoção pelo tema do Enem, como também uma apreciação positiva ao Enem, constatados nos trechos “*estamos muito felizes*” e “*o tema é muito importante*”. O casal se mostra engajado com a causa surda, reconhecendo que a Comunidade Surda, agora, “*conquistou a visibilidade da sociedade*”. De fato, a Comunidade Surda tem sido negligenciada por muito tempo, mas não podemos deixar de reconhecer as conquistas que ocorreram nas últimas décadas, principalmente com a oficialização da Língua Brasileira de Sinais, LIBRAS, conforme a Lei 10.436/2002, regulamentada pelo Decreto 5.626/2005, sendo muito importante para a Comunidade Surda, dando um outro status a Cultura Surda.

Observamos, logo em seguida, o uso do julgamento, uma categoria semântica de atitude (VIAN JR., 2010) na qual são avaliados os comportamentos das pessoas. Para demonstrar isso, o casal traz para o discurso suas experiências de opressão, observadas nos trechos: “*somos invisíveis da sociedade*” e “*não acreditam da nossa língua, nossos acessos, nossos direitos*”. Aqui, entendemos a compreensão do casal quanto a importância da língua de sinais para a cultura surda e, consequentemente, na construção de suas identidades.

No segmento “*nós perdemos muitas oportunidades*”, os sujeitos discursivos mostram preocupação com a filha, que também é surda, uma vez que eles têm consciência de que as crianças surdas “*têm o direito de se desenvolverem numa comunidade de pares, e de constituírem estratégias de identificação no marco de um processo sócio-histórico não fragmentado, nem cerceado*” (SKLIAR, 2016, p. 27).

Embora o casal tenha consciência das perdas que a comunidade surda teve ao longo dos anos, faça um julgamento negativo das pessoas que fizeram comentários em contrário à temática, o fato de sua comunidade ter a oportunidade de ser divulgada, teve mais relevância, levando-os a experienciar o autorrespeito, por ter seu direito, enquanto cidadãos, reconhecido, pois “a autorrelação prática a que uma experiência de reconhecimento desse gênero faz os indivíduos chegar é, por isso, um sentimento de orgulho do grupo ou de honra coletiva” (HONNETH, 2009, p. 208).

(SD4) O tema da redação realmente me comoveu. Me comoveu porque finalmente vi que eu existia. Existia ali o surdo. Eu sempre me senti excluído por ter minha deficiência. Mas pegar uma redação com este tema realmente foi uma grande oportunidade. Oportunidade de levantar a voz do silêncio e mostrar que a surdez pode nos levar para além das fronteiras.

O parágrafo inicia com o sujeito discursivo fazendo uso do recurso afeto, expressando seus sentimentos, observado no trecho “*me comoveu*”. Como conferimos na maioria dos comentários dos sujeitos surdos, a carga histórica de opressão dessa classe minoritária é resgatada em seus discursos, justificando assim nossa ancoragem teórica na ACD, pois, como assevera Gonçalves-Segundo (2018), o objetivo principal dessa prática é a denúncia de relações de poder e de opressão, a fim de possibilitar uma sociedade justa e democrática, onde todos tenham direitos iguais. Observa-se ainda, na escolha lexical “*oportunidade*”, que o sujeito mostra sua satisfação por acreditar que a causa, a que ele está engajado, terá oportunidade “*para além das fronteiras*”.

O sujeito se reconhece como membro de uma comunidade, compartilhando uma cultura observado no trecho “*a surdez pode n os levar*”, principalmente no léxico destacado. Podemos perceber uma resistência surda, compartilhada através do movimento surdo, um espaço de resistência para a comunidade surda. Podemos conferir que este sujeito discursivo, ao ter sua *diferença*¹ reconhecida (HONNETH, 2009), será capaz de (re)construir sua identidade, enquanto sujeito surdo.

1 Concordamos com Sá (2002, p. 49) e Perlin (2016, p. 56) ao utilizar o termo *diferença* e, não, *deficiência*.

Algumas conclusões

Atrelando os Estudos Surdos à Análise Crítica do Discurso, utilizamos a Teoria da Luta por reconhecimento (HONNETH, 2009), como uma maneira de dar visibilidade à comunidade de opressão vividas por este grupo, por compreendermos que grupos minoritários constituem

segmentos que, em um cenário de disputa de poder, tendo como base suas especificidades ou diferenças ante os demais, são subalternizados por meio de violência física e simbólica, sendo, em razão de mecanismos de exclusão, mais suscetíveis à violação de direitos e desrespeito (BARRETO, 2016, p. 97).

O desrespeito às minorias ocorre tanto por meio da palavra como do silêncio, um tipo de silenciamento dos seus discursos, direitos, a exemplo da comunidade surda e suas dificuldades, por isso, pretendemos levantar mais reflexões com este trabalho, com vistas a ampliar a discussão sobre o tema, na esperança de que o sujeito surdo consiga enxergar as situações de opressão, por vezes naturalizadas, bem como sensibilizar os ouvintes para essa realidade e o respeito aos direitos das minorias, a fim de que um equilíbrio social possa ser alcançado (PEDROSA, 2018).

Referências

ALMEIDA, Fabíola Sartin Dutra Parreira. Atitude: afeto, julgamento e apreciação. In: VIAN JR., Orlando; SOUZA, Anderson Alves de; ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira (Orgs.). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa*. Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, p. 99-112.

BARRETO, Daniela Lima. *O direito penal dos vulneráveis: uma análise crítica da busca do reconhecimento por meio do direito penal*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2016, p.89-108.

BRASIL. *Lei 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 06 jan. 2019.

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

_____. *Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 06 jan. 2019.

_____. *Decreto nº 9.465, de 2 de janeiro de 2019*. Dispõe sobre a estrutura regimental e o quadro demonstrativo dos cargos em comissão e das funções de confiança do ministério da educação. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia//asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/57633286. Acesso em: 18 mai. 2019.

CARVALHO, Paulo Vaz de. *Breve história dos surdos no mundo e em Portugal*.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, p. 89-131; p. 273-293.

_____. Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica. Trad. Iran F. de Melo. *Linha D'Água*, São Paulo, v. 25, n. 2, 307-329, dez. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/47728>. Acesso em: 27 dez 2018.

FIORIN, José Luiz. A linguagem humana: do mito à ciência. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Editora Contexto, 2015. p. 13-43.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Discurso e prática social. In: BATISTA JR, J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F de. (Orgs.). *Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas*. São Paulo: Parábola, 2018. p. 78-103.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34, 2009.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André Ricardo; RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa*. Brasília: Editora UnB, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2007.

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

MELO, Iran Ferreira de. Histórico da análise de discurso crítica. In: BATISTA JR, J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. de. (Orgs.). *Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas*. São Paulo: Parábola, 2018, p. 20-35.

MENEZES, Vera; SILVA, M.M.; GOMES, I.F. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R.C; ROCA, P. (Org.). *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 25-50.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R.C; ROCA, P. (Org.) *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 11-24.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. Análise Crítica do Discurso no PPGL: pesquisas e contribuições sociais. In: RAMALHO, C. B.; LIMA, G.de O. S. (Orgs.). *Estudos Linguísticos e Literários*: Edição comemorativa 10 anos do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFS. Aracaju: Criação, 2018, p. 153-178.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. *Educar em Revista*. Edição Especial n. 2/2017, p. 17-31, Curitiba, 2014.

PERLIN, Gladis T.T. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016. p. 51-73.

QUADROS, Ronice Muller. *Educação de surdos: aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

SÁ, Nídia Regina Lima de. *Cultura, poder e educação de surdos*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SKLIAR, Carlos. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, Carlos (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016. p. 7-32.

SOUZA, Mário César de. *A “Luta por reconhecimento” no facebook: a comunicação social nas redes sociais, uma interpretação sociológica*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

SOUZA, Verônica dos Reis Mariano. *Tobias Leite: educação dos surdos no século XIX*. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

STRÖBEL, Karin Lilian. História dos surdos: representações mascaradas das identidades surdas. In: QUADROS, R. M. de; PERLIN, G. (Orgs.). *Estudos Surdos II*. Petrópolis: Arara

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

Azul, 2007. p. 18-37.

VIAN JR., Orlando. O Sistema de Avaliatividade e a linguagem da avaliação. In: VIAN JR., Orlando; SOUZA, Anderson Alves de; ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira (Orgs.). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa*. Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 19-29.